

Economistas dão receita anticrise

Rio — O Brasil já tem todas as pré-condições da hiperinflação, mas ainda pode evitar que esse desastre aconteça nos próximos meses, sobretudo praticando controle adequado das políticas fiscal, monetária e cambial. Este foi o consenso demonstrado ontem pelos três economistas — Gustavo Franco, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio, Cristina Pinotti, da Universidade de São Paulo (USP), e Alkimar Ribeiro Moura, ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central — que participaram do seminário “Hiperinflação: táticas defensivas”, promovido pela Bolsa Brasileira de Futuros (BMF) e agência de informações econômicas “Dinheiro Vivo”.

“Não há muita diferença entre uma inflação mensal de 30% — nível a que o Brasil está próximo — e uma de 50%, nível que os clássicos de Economia consideram ser o início da hiperinflação”, afirmou Gustavo Franco. Segundo ele, a maior preocupação é a de que aconteça algum salto na taxa de inflação, a exemplo do que aconteceu na Alemanha, em 1923, quando a inflação passou de 100% ao mês para 30.000% ao mês. Ou, mais recentemente, na Argentina, com a infla-

ção saltando de 30% ao mês para 200%. O economista afirma que o Brasil possui os mesmos três eixos em torno dos quais se estabeleceu a hiperinflação da Alemanha: déficit fiscal, pressões salariais e elevadas transferências de recursos para o exterior (no caso da Alemanha, foram as reparações de guerra e no caso do Brasil, a dívida externa, embora em volume menor que o exemplo alemão).

De acordo Gustavo Franco, é fundamental que o governo incremente a confiabilidade na indexação oficial, de modo a evitar que o dólar seja considerado o indexador. Para reverter o processo de aceleração inflacionária, disse ele, não há saída consistente fora da reforma de várias áreas, sobretudo a fiscal. Gustavo Franco responsabilizou o Plano Verão pelo salto inflacionário de 9% ao mês para quase 25% na medida em que determinou o fim da indexação, levando empresários a trabalhar com expectativas inflacionárias as mais variadas, provocando reflexos nos preços. “Foi uma burrice monumental”.

Trabalhar com todas as primeiras evidências e não esperar o fato consumado foi o conselho de Cristi-

na Pinotti ao governo, especialmente no que diz respeito a juros e câmbio. Depois de, equivocadamente, implementar política de juros altos e alta expansão monetária no Plano Verão, seguida de juros baixos com alta expansão até maio, o governo finalmente acertou, em junho, com a política de juros altos e expansão baixa, segundo ela. “Tenho certeza de que os empresários vão pedir juros mais baixos, mas isso significa inflação e será o mesmo que andar sobre o fio da navalha”, disparou.

Embora tenha apontado as pré-condições existentes para a hiperinflação — empresas procurando ter ativos dolarizados ou transformar ativos financeiros em reais, indexação generalizada da economia, redução nos prazos de indexação e fuga de capitais, entre outros —, Alkimar Ribeiro Moura disse que foram corretas as medidas de centralização do câmbio e mididesvalorização do cruzado e que são positivos os indicadores de menor expansão monetária em julho (12% até o dia 11, enquanto junho foi de 18,5%). Esses dados, segundo ele, mostram que a hiperinflação pode ser evitada.